



rota das letras
FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU



José Eduardo Agualusa e Luís Cardoso em Macau

Algumas Reflexões sobre a Lusofonia

ANA PAULA DIAS*



O “Rota das Letras – Festival Literário de Macau” foi fundado em 2012 pelo jornal local *Ponto Final*. Actualmente, o evento é co-organizado pelo *Ponto Final*, o Instituto Cultural de Macau e a Fundação Macau. Os mais de 30 reconhecidos autores, editores, tradutores, jornalistas, músicos, cineastas e artistas plásticos trazidos este ano ao território pelo Festival – que, nas palavras da organização “dá expressão no sector cultural à desejada aproximação e cooperação entre a China e o mundo lusófono, através de Macau” – trouxeram consigo, entre outras coisas, a problematização do conceito de “escritor lusófono”. Um dos painéis do festival foi, inclusive, subordinado ao tema “Toda a literatura dentro da literatura lusófona” e contou com a presença de Paulina Chiziane, Luís Cardoso, Vanessa Bárbara e Valter Hugo Mãe. À margem das sessões, o timorense Luís Cardoso e o angolano José Eduardo Agualusa, com quem tive oportunidade de conversar na ocasião, discutiram igualmente a sua relação com a ideia de lusofonia e com os discursos pós-coloniais sobre as literaturas de

matriz lusófona. Neste artigo pretende-se explorar a visão e o papel que dois escritores tão diferentes quanto estes, amplamente citados como “escritores lusófonos”, têm e podem ter na problematização do conceito, que implica a crença na existência e importância duma comunidade lusófona para processos de identidade nacional e pessoal e integra a oposição entre a existência de uma certa comunhão entre povos lusófonos e, simultaneamente, uma grande diversidade de desejos e vontades relativamente à utopia da lusofonia. Para tal, será feita uma breve apresentação dos autores e da sua obra, perspectivado o conceito de lusofonia e transcritas citações da conversa havida.¹

O panorama das letras em Timor é ainda incipiente e Luís Cardoso, radicado em Portugal, tem sido apontado pela crítica como o principal representante da literatura em prosa timorense da actualidade em língua portuguesa (de notar que recentemente têm começado a aparecer obras e autores novos que se exprimem em tétum). Em 1997, com a publicação do romance *Crónica de uma Travessia. A Época do Ai-Dik-Funam*, Luís Cardoso fez chegar ao público a história e os costumes do povo timorense, mesclados com a história e os costumes de outros povos, “uma colcha de retalhos etnolinguísticos”,² dadas as invasões e os ataques sofridas por Timor por parte de portugueses, japoneses e indonésios. José Eduardo Agualusa, no prefácio deste livro, aponta Luís Cardoso como “um escritor a caminho da sua obra”.³ O autor publicou depois *Olhos de Coruja*, *Olhos de Gato Bravo* (2001) e *A Última Morte do Coronel Santiago* (2005),

* Doutoranda em Educação e Interculturalidade, com mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares. Trabalha presentemente em Macau, como assessora técnica para a promoção e divulgação do português. Tem vindo a publicar, desde 1996, vários volumes sobre literatura portuguesa, didáctica do português como língua estrangeira e, ultimamente, sobre educação e encontros interculturais em Macau.

A Ph.D. student in Education and Interculturality, holds a M.A. in Interdisciplinary Portuguese Studies. Currently working in Macao as a technical advisor for the promotion and dissemination of the Portuguese. She has been publishing since 1996 several volumes on Portuguese literature, didactics of Portuguese as a foreign language and, lately, on education and intercultural encounters in Macao.

LITERATURA

em Portugal, ambos na editora Dom Quixote e *Requiem para o Navegador Solitário*, no Rio de Janeiro, em 2007. O seu último livro, *O Ano em que Pigafetta Completou a Circum-Navegação*, editado na Sextante, data de 2013 e aborda a culpa, a construção de uma identidade nacional e a violência que acompanhou a evolução política em Timor. Os romances de Luís Cardoso estão traduzidos para diversas línguas nomeadamente inglês, francês, italiano, holandês, alemão e sueco. O seu primeiro livro, com o título original *The Crossing*, foi inicialmente publicado em Inglaterra pela Granta Books.

À semelhança das outras literaturas que se revelaram após a independência dos respectivos países, como aconteceu, diferentemente, é certo, com os países africanos de língua oficial portuguesa, a literatura timorense vem fazendo, desde há vários anos, um lento caminho de edificação e afirmação, pesem embora as inúmeras vicissitudes do processo político e social e as suas repercussões de índole cultural e, mais especificamente, literária. No caso timorense, a diferença em relação aos países africanos acentua-se pelo facto de, face à ocupação indonésia, a língua – e consequentemente a literatura – ter desempenhado uma relevante função de resistência e de intervenção, sendo que a ruptura com a herança e o paradigma português não se realizou de forma efectiva ou total. A língua teve um papel muito importante durante o tempo da Resistência e os documentos recebidos no interior de Timor, que a Resistência fazia circular, eram em língua portuguesa – o que significava que a língua oficial da Resistência era o português.

Desta situação dá conta Luís Cardoso, que se afirma como “escritor timorense que pretende fazer uma literatura timorense em língua portuguesa”,⁴ ao referir que “as minhas referências literárias são de língua portuguesa, de escritores de língua portuguesa, foi com eles que eu aprendi a escrever, com eles que eu comecei a fazer literatura.”⁵ Para o escritor, as referências imediatas são aquelas que falam e escrevem português e são essas, nas suas palavras, que aconselha aos timorenses: “Recomendo os autores de língua portuguesa, para construir, digamos assim, a chamada literatura timorense escrita. [...] Timor não tem disponibilidade para ter acesso a vários patamares ao mesmo tempo [...] Portanto, temos que queimar etapas [...] no caso de Timor o que eu recomendo são os escritores em língua portuguesa, porque é o primeiro patamar. Para aqueles que nunca saem de Timor, a única coisa [que há], os livros que para lá mandam são os livros dos autores de língua portuguesa.”⁶



José Eduardo Agualusa.

E acrescenta: “Estamos a tentar construir uma língua portuguesa dos timorenses. É preciso trabalho! Podemos fazer aproveitando até o próprio tétum nesta construção. A língua portuguesa dos timorenses será uma língua entre o tétum e a língua portuguesa.”⁷

No entanto, sobre a literatura timorense, Luís Cardoso aventa: “A literatura portuguesa está construída; a literatura angolana também. A timorense está em construção. Provavelmente daqui a alguns anos falaremos de uma literatura timorense. Tanto pode ser em língua portuguesa como em tétum ou pode ser no próprio *bahasa* indonésio que muitos estudantes timorenses vão estudar na Indonésia. Dominam melhor a língua indonésia do que o próprio tétum e a língua portuguesa. A língua em que eles escreverão será a língua que eles próprios dominam.”⁸

A académica Perpétua Gonçalves, da Universidade Eduardo Mondlane, dá eco às considerações de Luís Cardoso quando, a este propósito, afirma que umas das razões que toma o termo “lusófono” discutível é ele fazer “tábua rasa” da realidade linguística dos países que refere: “Ao usar este termo ‘homogeneizante’ (Faraco 2011), apagam-se do mapa linguístico as outras línguas faladas por vastas comunidades de todos estes países, deixando entender que o português é a língua materna maioritária das suas populações e, por conseguinte, é também a língua de cultura e de identidade a nível nacional”,⁹ Lourenço do Rosário¹⁰ é outra das vozes que chama a atenção para a necessidade de legitimar o conceito de lusofonia indagando os seus referentes sob pena de, não o fazendo, reduzi-lo a um mero exercício de retórica política: “Os africanos procuram lembrar aos seus parceiros que o panorama linguístico dos três países africanos continentais e Timor Leste é de diversidade linguística.”¹¹

O angolano Eduardo Agualusa, um dos escritores mais internacionais do seu país, recebeu em 2007 o prestigiado Prémio Independente de Ficção Estrangeira, promovido pelo jornal britânico *The Independent*, com

o livro *O Vendedor de Passados*, publicado pela Dom Quixote, em 2004. Para além de ser o primeiro africano a receber tal distinção, Agualusa participa regularmente nos principais festivais literários do Brasil e de outros países, nos quais é reconhecido como representante do renascimento literário de Angola e escritor lusófono por excelência, já que a sua obra transita com desenvoltura entre as culturas africana, lusitana e brasileira. É considerado um escritor *globetrotter*, com passagens pelo Rio de Janeiro – onde viveu algum tempo – Angola, a sua pátria, marcada pela guerra civil e Portugal. Escritor profissional e colaborador em jornais de Lisboa e Luanda, Agualusa mistura brasileirismos, a gíria urbana de Luanda e de Portugal de forma original, criando um estilo inteligível em todo o universo de língua portuguesa e a temática da lusofonia está presente de modo bem explícito nas suas crónicas.¹²

Os seus livros são o espelho das tradições que permeiam esses ambientes tão distintos em que se movimenta, como ele mesmo ressalta e o autor considera que dificilmente se pode falar numa literatura portuguesa, numa literatura brasileira ou numa literatura angolana. Para o autor, cada escritor é um caso “porque evidentemente que existem escritores todos muito diferentes.”¹³ Ao contrário de Luís Cardoso, que diz concordar “[com a ideia de literatura lusófona] sobretudo

nesta questão da língua”, Agualusa considera que “para construir uma literatura angolana boa o principal é ler boa literatura [...], a boa literatura universal, nem é só a de língua portuguesa ... depois, evidentemente, vais fazer isso em língua portuguesa.” E ilustra esta posição referindo que escritores como o Gonçalo M. Tavares, por exemplo, que não pertencem sequer a uma geografia, que “vêm inteiramente da literatura. O seu território é apenas a literatura, a grande literatura universal. E portanto [ele] não é comparável a uma Inês Pedrosa, cada um deles é diferente. A mesma coisa se passa no Brasil, aí ainda é mais absurdo falar nisso. A literatura de Timor, que é quase só representada pelo Luís Cardoso... podemos dizer que sim. Mas nas literaturas mais avançadas, mais desenvolvidas ... cada escritor é um caso.”

Independentemente de poderem ou não identificar uma literatura, as primeiras obras literárias escritas por



Luís Cardoso.

Todas as imagens que ilustram este artigo respeitam ao “Rota das Letras – Festival Literário de Macau”, 2013. Cortesia do jornal *Ponto Final*.



LITERATURA



angolanos e publicadas em Angola datam da segunda metade do século XIX, o que configura um panorama completamente diverso do de Timor, o que se reflecte de alguma forma no modo como ambos os escritores se posicionam relativamente à questão da “literatura lusófona”. Diz Rosário que “as expressões não valem por si. Valem sobretudo pelo alcance que têm e pela solidez dos factores que lhes deram origem. Assim, se queremos ver legitimado o conceito que a expressão de Lusofonia contém, devemos ir a fundo na busca dos seus referenciais.”¹⁴ Com efeito, falar hoje de lusofonia significa entrar numa dimensão multidisciplinar e de grande complexidade. Em primeiro lugar, significa situar-se na perspectiva tão abrangente quanto actual dos estudos pós-coloniais para depois articular-se pelas numerosas ramificações teóricas e temáticas que os constituem, tais como as diversas problemáticas linguísticas, literárias, estéticas, filosóficas ou políticas que o conceito implica. Aliás, a retórica tradicional da lusofonia tem insistido, não raras vezes, numa espécie de nostalgia do império, subvalorizando a diversidade cultural que cinco séculos de aventuras associaram à experiência de todos os cidadãos que pensam, sentem e falam em língua portuguesa.

Para Eduardo Lourenço (1999), por exemplo, o conceito de lusofonia surge frequentemente associado

nos vários discursos, quer oficiais, quer particulares, a uma ideia inocente de comunhão cultural de povos ligados pela língua portuguesa. No entanto, essa imagem esconde um carácter politicamente forjado e a autoria dessa pretensa comunhão, assim como o neocolonialismo inconsciente que lhe está subjacente. Tanto mais perigosa é esta ideia quanto nela se investem paixões e uma concepção de identidade cultural (portuguesa), vista como intrinsecamente fundamentada num passado imperial que se pretende salvaguardar para que Portugal se possa imaginar para além do pequeno país que é. A crítica pós-colonial, por seu turno, refuta a ideia de que a lusofonia é um sonho homogeneamente partilhado e apresenta-a, ao contrário, na sua pluralidade discursiva, reconhecendo a diversidade de expressões nos diferentes países da CPLP, ou mesmo dentro de Portugal, entre grupos de diferentes origens étnicas (como salienta Joaquim Pires Valentim relativamente aos portugueses e africanos).¹⁵

A este propósito, já a escritora guineense Odete Semedo afirmara que “não se pode arrumar tudo numa gaveta e dizer ‘isto é a literatura da lusofonia’”, porque “cada país é um país”, com “várias facetas” e “a sua memória colectiva”.¹⁶ Eduardo Agualusa corrobora esta posição, defendendo que “isso só significa que as literaturas amadureceram. Se em todos os projectos houvesse uma

ideia de identidade, seria um mau sinal...”.¹⁷ Mesmo na literatura angolana hoje há projectos muito diferentes e isso é um sinal de amadurecimento, como nas outras literaturas anglófonas ou francófonas. Dizer que existe uma identidade francófona na literatura é um pouco exagerado...”.¹⁸ Ou seja, independentemente de qualquer tentativa de conceber a lusofonia a partir do aforismo da língua e de um passado comuns, não se pode ignorar que as diferentes sociedades que formam o universo lusófono revelam, todas elas, diferentes formas de lidar com essa mesma representação. Isto significa que, nos antípodas da noção de lusofonia se podem diagnosticar as contradições inerentes à sua figuração, tendo em conta a importância atribuída às memórias nacionais de cada um dos países do espaço lusófono na animação das suas representações identitárias e nacionalistas. Sendo assim, a dimensão afectiva que a lusofonia convoca não pode estar imune ao questionamento. Os limites da sua apropriação são também moldados pela interferência e sobreposição de outras referências que são indexadas tanto no reportório da memória oficial nacional e nas representações do imaginário colectivo de cada um dos países, como também na concepção das representações sociais e individuais da identidade dos sujeitos ou grupos que pertencem ao designado espaço lusófono. Ou seja, como o vencedor do Prémio

Camões 2013, o moçambicano Mia Couto resume, é “importante questionar a ideia da lusofonia. E perceber que o conceito é plural: existem lusofonias. A ideia da comunidade lusófona é uma construção que corresponde a interesses políticos particulares. Os criadores culturais devem ser capazes de questionar esse modelo único que nos é proposto.”¹⁹

Ainda de acordo com Semedo, a força de partilhar uma língua “não está na fusão das literaturas, mas na circulação das obras dos autores que escrevem em português e na “coordenação de acções” e nisso têm falhado editoras e instituições governamentais, segundo afirma, explicando que são os autores que divulgam os seus trabalhos entre si, nos encontros que mantêm. Para Eduardo Agualusa, o ideal é que haja um investimento maior nas bibliotecas, ou seja, que os leitores, as pessoas tenham acesso ao livro. Refere o caso do Brasil como um exemplo para o mundo inteiro: “O governo brasileiro, os vários governos brasileiros têm feito um esforço enorme no sentido de fazer chegar o livro aos leitores. O governo brasileiro é hoje o maior comprador de livros do mundo, depois da China. Eu acho que o grande investimento hoje, falando dos países de língua portuguesa, deveria ser o de permitir o acesso de toda a gente ao livro.” O autor identifica ainda diferenças evidentes entre o mercado editorial dos três países: “Portugal e o Brasil conseguiram

LITERATURE



LITERATURA



formar leitores. Portugal através da criação de uma rede de bibliotecas públicas muito boa, que o Brasil infelizmente não tem. Mas no Brasil isso é feito por meio de eventos literários e o governo brasileiro é um grande comprador de livros. O governo tem tentado fazer com que o livro chegue a mais leitores, aumentando também o número e a qualidade de escritores.”²⁰ Segundo Agualusa, apesar de todos os seus entraves políticos, a África conta hoje com um leque de escritores reconhecidos internacionalmente, para além de jovens que persistem na criação literária: “No caso da África, em particular de Angola, infelizmente não foi feito esse trabalho de educação básica para a formação de leitores, nem criação de bibliotecas, editoras, enfim. Isso explica porque é que a criação literária não é tão boa. Ainda assim existem escritores batalhando por lá.”²¹ Outro aspecto fundamental focado pelo autor a este propósito é que “A *internet* é muito importante nos casos em que é mais difícil instalar bibliotecas em papel, mas é possível hoje que uma criança no Huambo ou uma criança numa aldeia de Timor tenha acesso às grandes bibliotecas através da *internet*.”²²

Efectivamente, a globalização e o novo padrão comunicacional baseado na convergência e na utilização de tecnologias da informação tem vindo a delinear um novo lugar para a lusofonia, no qual se estabelecem redes virtuais de comunicação entre cidadãos que pensam, sentem e falam em português: o ciberespaço. Talvez deste modo a lusofonia possa começar a afastar-se do equívoco conceptual a que se tem vindo a associar – uma maneira simplista de designar os países resultantes da colonização portuguesa, “os espaços e as gentes que historicamente já estiveram ligados a Portugal”.²³ Esta nova realidade comunicacional, aliada ao poderoso factor identitário que uma língua comum pode estabelecer, aponta para o forte contributo que as facilidades de comunicação abertas pelas novas tecnologias, mais concretamente a *internet*, facultam na aproximação entre falantes de um mesmo idioma. E no caso de uma língua como o português, falada por milhões de pessoas dispersas por todos os cantos do mundo, pertencentes às mais diversas etnias e culturas, o recurso a esta forma de circulação e divulgação das obras afigura-se ainda mais pertinente. Tudo isto está a gerar fenómenos novos de encontros de cultura, de novas expressões culturais, a expandir e a dar mais força à lusofonia, como o testemunho de Agualusa deixa entrever: “Eu acho que funciona. A gente tem esse exemplo no caso de Angola e no Brasil também estão a fazer isso. Há hoje em dia um grande

mundo de publicações *on-line*, poesia, etc. E há poetas angolanos que não teriam possibilidade de publicar em papel, que estão a publicar na *internet* e em jornais brasileiros, por exemplo, jornais brasileiros *on-line*, publicações boas, portanto, essa coisa até já existe e o que há agora é incrementar isso. O Brasil tem feito experiências muito interessantes a esse nível, há aldeias indígenas remotas onde as crianças aprendem a navegar na *internet* e que têm... têm indiozinhos no alto do Xingu, em aldeias remotas da Amazônia, que têm acesso à *internet* e que dominam muito bem, porque as crianças aprendem muito rapidamente a dominar as tecnologias. E portanto não é impossível... as pessoas esquecem-se disso, podem queimar-se etapas, realmente, com as novas tecnologias.”²⁴

Questionados sobre se iniciativas como o “Rota das Letras” permitem concretizar alguns dos objectivos do festival, nomeadamente a aproximação entre chineses e lusófonos, do ponto de vista cultural, particularmente na literatura e na criação de um espaço comum para escritores e artistas da China e dos países de língua portuguesa, Agualusa e Luís Cardoso apontaram alguns aspectos que consideram merecedores de maior atenção. A tradução, como investimento na exportação da língua e até da cultura, foi um dos factores mencionados como facilitadores para a reconfiguração de uma lusofonia mais englobante e plural. Eduardo Agualusa refere que “estava à espera, pensei que estivessem lá livros à disposição, quer os nossos livros, quer os livros de autores chineses. Você compra os livros, já fica a conhecer melhor, há a possibilidade de diálogo...”²⁵ tal como Luís Cardoso, que considera que “o primeiro caminho do escritor para a China é feito através dos livros, do escritor chinês. Levas os meus livros, traz-me os teus.”²⁶ Em termos do mercado asiático, Agualusa referencia ter um livro traduzido em chinês, publicado em Taiwan,²⁷ outro traduzido em coreano, na Coreia do Sul e ainda um outro em bengali, no Bangladesh,²⁸ mas “evidentemente, a partir do momento em que a China entre nesse mercado global, para qualquer escritor é um mundo. É o mercado. Portanto, claro que para nós há essa perspectiva” e acredita que a RAEM deveria explorar as oportunidades que podem advir da ideia de plataforma entre a China e os países de língua portuguesa também no plano cultural. Refere: “No caso concreto da língua portuguesa, o que me parece é que Macau se está a transformar, até do ponto de vista do ensino da língua, há cada vez mais chineses a aprender português, porque estão interessados em entrar

nestes mercados novos. Os países de língua portuguesa são casa vez mais importantes para a China. Isso não vai desaparecer, é uma coisa que vai crescer e portanto, o interesse pela língua portuguesa é cada vez maior. Macau pode e deve aproveitar isso”.

Às questões se no território, que é um lugar de cruzamento entre o Oriente e Ocidente, se aproximaram mais ou não as culturas portuguesa e chinesa e se o “défice epistemológico”²⁹ do conceito de lusofonia ficou mais esclarecido com o festival, não é pretensão deste texto responder. Mas à laia de encerramento, não posso deixar de referir as palavras de Paloma Jorge Amado, filha do escritor Jorge Amado – também ela convidada do “Rota das Letras” para falar da vida e obra do pai – que retomam o que atrás foi dito por Odete Semedo sobre a força de

partilhar uma língua residir largamente na partilha dos escritores, à falta de acções coordenadas por parte de instituições governamentais e editoras: “Foi com Luís Cardoso que compartilhei minhas quase 30 horas de viagem. A bem da verdade, li as últimas 10 páginas, das 300, no hotel em Macau. Demorei-me no final – e que final maravilhoso – com pena de ter que deixá-lo. Nenhum livro poderia me acompanhar melhor do que este a caminho do outro lado do mundo. É uma beleza de livro, extremamente bem escrito, emocionante, revelador de um mundo que desconhecemos no Ocidente. Estou em estado de graça pela descoberta de mais um autor preferido. Vou conhecê-lo pessoalmente na abertura do Festival daqui a algumas horas, levo meu exemplar para *tietar* e pedir um autógrafo”.³⁰

LITERATURE



NOTAS

- Entrevista inédita de Ana Paula Dias com José Eduardo Agualusa e Luís Cardoso, Macau, 11 de Março de 2013.
- Ibidem*.
- José Eduardo Agualusa, “Como se fosse um prefácio”, in Luís Cardoso, *Crónica de uma Travessia. A Época do Ai-Dik-Funam*, pp. 5-6.
- Entrevista inédita de Ana Paula Dias com José Eduardo Agualusa, cit.
- Ibidem*.
- Ibidem*.
- Ibidem*.
- Ibidem*.
- Perpétua Gonçalves, “Lusofonia em Moçambique: com ou sem glotofagia?”. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Linguística Histórica. Homenagem a Ataliba Teixeira de Castilho”, São Paulo, 7-10/02/2012.
- Presidente do Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa e Reitor do Instituto Superior Politécnico e Universitário de Maputo.
- Lourenço do Rosário, “Lusofonia: Cultura ou ideologia?”. Comunicação apresentada no IV Simpósio Internacional de Língua Portuguesa. Maputo, Maio de 2007.
- Vejam-se, a título de exemplo, “À propos de la lusophonie” (1997); “A nossa Pátria na Malásia” (2000); “O segredo de Passo Fundo” (2000); “Discurso sobre o fulgor da língua” (2003); “Outra feira, outras feiras” (2006).
- Entrevista inédita de Ana Paula Dias com José Eduardo Agualusa, cit.
- Lourenço do Rosário, “Lusofonia: Cultura ou ideologia?”, cit. *Representações Sociais do Luso-tropicalismo e Olhares Cruzados entre Portugueses e Africanos*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011.
- Colóquio Internacional “Percurso, Trilhos e Margens: Recepção e Crítica das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa”, Lisboa, CIUL/CES, Julho de 2011.
- Entrevista inédita de Ana Paula Dias com José Eduardo Agualusa, cit.
- Ibidem*.
- Declarações proferidas na 21ª Bienal do Livro de São Paulo, em Agosto de 2010.
- Entrevista inédita de Ana Paula Dias com José Eduardo Agualusa, cit.
- Ibidem*.
- Ibidem*.
- Lourenço do Rosário, “Lusofonia: Cultura ou ideologia?”, cit.
- Entrevista inédita de Ana Paula Dias com José Eduardo Agualusa, cit.
- Ibidem*.
- Ibidem*.
- Trata-se do livro *O Vendedor de Passados*.
- O autor refere assim a curiosa história desta publicação: “O Bangladesh já foi há muitos anos, na altura com a agência da Rai, hoje continuo com a agência da Rai, mas a Rai faleceu. E a Rai ligou para mim a rir, morta de riso, porque do Bangladesh tinham ligado a dizer ‘A gente quer publicar o livro, mas vamos pagar 50 dólares’. Ela ligou para mim a rir e contou-me que eles disseram ‘Se você não aceitar, a gente publica na mesma’. Eu disse à Rai ‘Diz lá que sim’, é um livro em bengali.!”
- Perpétua Gonçalves, “Lusofonia em Moçambique: com ou sem glotofagia?”, cit.
- Luís Cardoso, “Travessias”, https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=562737943757785&id=112266185471632.

BIBLIOGRAFIA

Cardoso, Luís. *Crónica de Uma Travessia. A Época do Ai-Dik-Funam*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

Lourenço, Eduardo. *A Nau de Ícaro Seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.